

O CRONOTOPO NA OBRA “O CRIME DO PADRE AMARO”: CONFLITOS MORAIS, SOCIAIS E RELIGIOSOS

*Shayanne de Melo Felix (UEMA)*¹²

meloshayanne53@gmail.com

Antonio Cilírio da Silva Neto (UEMA)

antonioneto5@professor.uema.br

RESUMO

Analisa-se o romance “O crime do Padre Amaro” (1875), de Eça de Queirós, a partir da relação entre matéria e razão. A análise dos impulsos humanos evidencia os desejos materiais que influenciam as ações e moldam os pensamentos das personagens. Nesse sentido, este estudo consiste em evidenciar a hipocrisia das instituições religiosas por meio da relação entre matéria e razão. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, fundamentando-se em estudos críticos da literatura realista e análise discursiva, vinculados às contribuições de Bakhtin acerca das relações entre tempo, espaço e construção narrativa, bem como às reflexões de Foucault (2004) acerca das relações de poder, repressão e moralidade. Desse modo, a obra denuncia a moral das instituições religiosas e revela as contradições entre discurso religioso e prática social.

Palavras-chave:

Realismo Europeu. Eça de Queirós. Matéria e Razão.

ABSTRACT

The novel “The Priest’s crime Amaro” (1875), by Eça de Queirós, is analyzed through the relationship between matter and reason. An analysis of human impulses reveals the material desires that influence the characters’ actions and shape their thoughts. In this regard, this study aims to highlight the hypocrisy of religious institutions through the relationship between matter and reason. The research adopts a qualitative, bibliographical approach, grounded in critical studies of realist literature and discourse analysis. It draws upon Bakhtin’s contributions regarding the relationships between time, space, and narrative construction, as well as Foucault’s (2004) reflections on power relations, repression, and morality. Thus, the work critiques the morality of religious institutions and reveals the contradictions between religious discourse and social practice.

Keywords:

European Realism. Eça de Queirós. Matter and Reason.

1. Introdução

Publicado, inicialmente, em 1875, “O crime do Padre Amaro”, do escritor português Eça de Queirós, constitui uma das obras fundamentais do Realismo em Portugal, movimento literário caracterizado pela objetividade e pela observação crítica da realidade social.

¹² Agradecemos à UEMA/PIBIC pelo financiamento desta pesquisa.

No contexto histórico de Portugal, a ascensão do realismo coincide com um período de intensas transformações culturais e intelectuais na Europa. Entretanto, diferentemente de outros países europeus, Portugal permaneceu por longo tempo marcado por uma organização social conservadora, fortemente influenciada pelo clero e pela aristocracia. Conforme Oliveira (2006):

Inicialmente Portugal como um país dominado pelo clero, permaneceu estático e imune a todas as mudanças e tendências que revolucionaram os países europeus. Assim ficou-se pelo menos até a segunda metade do século XIX, quando o movimento realista se instalou nesse país e trouxe na bagagem as novidades existentes no mundo. A sociedade portuguesa estratificada se mantinha em classes sociais distintas, com o poder nas mãos da aristocracia, e ainda com predomínio da nobreza e do clero que também dividiam o poder. (Oliveira, 2006, p. 29)

É nesse viés que Eça constrói a narrativa, um romance que problematiza a moral religiosa e expõe as contradições entre os discursos institucionais e as práticas individuais. A narrativa acompanha a trajetória de Amaro, um jovem que ingressa na vida sacerdotal não por vocação, mas em razão de circunstâncias impostas desde a infância.

Assim, a oposição entre matéria e razão constitui um dos eixos centrais do romance. Enquanto a matéria manifesta-se nos desejos, nos impulsos e na dimensão corporal das personagens, a razão relaciona-se aos princípios morais, religiosos e sociais impostos pela igreja e pela sociedade.

Nesse sentido, o problema que orienta este estudo consiste em investigar de que modo a obra evidencia a hipocrisia das instituições religiosas por meio da relação entre matéria e razão. Diante dessa problemática, tem-se como objetivo geral analisar a relação entre matéria e razão no romance *O Crime do Padre Amaro*, destacando como Eça de Queirós utiliza essa oposição para realizar uma crítica à sociedade e ao clero português do século XIX. Como objetivos específicos, busca-se: (i) identificar como os impulsos materiais e os desejos humanos são representados nas personagens da obra; (ii) analisar o conflito vivido pelo Padre Amaro entre os princípios religiosos e os desejos pessoais; (iii) examinar a crítica social presente na obra a partir das características do Realismo.

A pesquisa possui abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada nos estudos de Bakhtin (2018) sobre o cronotopo, nas reflexões de Michel Foucault acerca das relações entre poder e moralidade, bem como em pesquisas relacionadas ao Realismo português e a obra de Eça de Queirós. A análise será desenvolvida a partir da leitura crítica do romance, observando os elementos narrativos que evidenciam as relações entre espa-

ço, tempo, comportamento social e discurso religioso, buscando demonstrar como a organização cronotópica de Leiria participa da construção da crítica social e institucional presente na obra.

2. O cronotopo em Bakhtin: relações entre tempo, espaço e narrativa

O conceito de cronotopo, desenvolvido pelo teórico russo Mikhail Bakhtin em *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*, constitui um dos principais instrumentos teóricos para a compreensão da organização narrativa do romance. Conforme o autor, “chamaremos de cronotopo (que significa ‘tempo-espaço’) a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura” (2018, p. 11).

A partir dessa concepção, Bakhtin compreende tempo e espaço como categorias indissociáveis na construção da narrativa literária. Longe de funcionarem como elementos autônomos, ambos estabelecem uma relação de interdependência que organiza o desenvolvimento da ação, a construção das personagens e a representação da realidade histórica. Dessa forma, o cronotopo evidencia que toda experiência humana representada artisticamente está situada em uma determinada configuração espaço-temporal, uma vez que

[...] Em arte e em literatura, todas as definições espaço-temporais são inseparáveis umas das outras e são sempre tingidas de um matiz emocional. [...] salta aos olhos o significado figurativo dos cronotopos. Neles o tempo adquire um caráter sensivelmente concreto [...] graças justamente à condensação e concretização espaciais dos índices do tempo, tempo da vida humana, tempo histórico em regiões definidas do espaço. (Bakhtin, 1988, p. 349)

Além de orientar a composição narrativa, o cronotopo expressa os valores e as concepções de mundo presentes em cada obra. As configurações espaço-temporais não constituem um simples pano de fundo para a ação, mas revelam formas específicas de compreender a realidade histórica, social e cultural. Nesse sentido, Bakhtin afirma que “não há hostilidade mútua entre um valor, seja ele qual for – comida, bebida, verdade, bem, beleza –, e as dimensões espaçotemporais; não há contradição, eles são diretamente proporcionais entre si” (Bakhtin, 2018, p.120).

Assim, compreende-se a possibilidade de analisar como os elementos narrativos se relacionam com processos históricos e sociais mais amplos. Para Brandão (2013), a análise dos componentes espaço-temporais da narrativa permite identificar a presença do fator de transformação humana, entendido como um índice de historicidade:

[...] o que se verifica é a busca de reconhecer, no plano do enredo e dos elementos representados nas situações ficcionais, a ausência ou a presença e o grau do fator transformação humana, o qual é tomado como índice de historicidade. (Brandão, 2013, p. 95)

Dessa maneira, o cronotopo ultrapassa a compreensão tradicional desses elementos como meramente descritivos, configurando-se como uma estrutura que revela as relações entre indivíduo, sociedade e história. Por meio dessa categoria, torna-se possível investigar como determinados lugares e períodos históricos influenciam a trajetória das personagens e revelam tensões sociais presentes no universo ficcional.

2.1. Leiria como espaço cronotópico: religião, sociedade e poder

A compreensão do conceito de cronotopo, formulado por Bakhtin, permite analisar como os espaços narrativos ultrapassam sua dimensão física e passam a desempenhar um papel fundamental na construção dos sentidos da obra literária. Em “O crime do Padre Amaro, de Eça de Queirós, a cidade de Leiria constitui um dos principais cronotopos do romance, uma vez que reúne, em um mesmo espaço-tempo, as relações sociais, políticas, religiosas e morais que orientam o comportamento das personagens e impulsionam o desenvolvimento da narrativa. Como pontua Massaud Moisés (1999):

O Crime do Padre Amaro passa-se em Leiria, uma pequena vila de província, beata e soturna, onde um padre corrupto seduz e leva à morte a infeliz e ingênua Amélia, sob a proteção do confessorário e da superstição: aqui a análise impiedosa do clero revela-o deteriorado como, aliás, estava toda a estreita sociedade provinciana, porque erguida sobre falsos preconceitos e uma moral de ocasião. (Moisés, 1999, p. 283)

Alguns espaços são apresentados ao longo da narrativa; entretanto, para esta análise, interessam especialmente aqueles que compõem o universo social de Leiria e a carga simbólica que cada um assume na constituição do romance. Um dos lugares mais frequentados pelas personagens e que possui significativa relevância é a casa da S. Joaneira, residência que inicialmente recebe o Padre Amaro após sua chegada à cidade.

Esse espaço, aparentemente privado e familiar, transforma-se em um ambiente fundamental para o desenvolvimento dos conflitos da narrativa, pois nele se estabelecem relações que revelam a influência da religião, da moral social e das convenções da sociedade provinciana. No trecho a seguir, observa-se a articulação entre os membros do clero para definir a hospedagem do jovem sacerdote:

- Ora a minha ideia, amigo Mendes, é esta: metê-lo em casa da S. Joaneira! resumiu o cônego com um grande contentamento. É rica ideia, hem!
- Soberba ideia, disse o coadjutor com a sua voz servil.

– Ela tem o quarto de baixo, a saleta pegada e o outro quarto que pode servir de escritório. Tem boa mobília, boas roupas...

– Ricas roupas, disse o coadjutor com respeito.

O cônego continuou:

– É um belo negócio para a S. Joaneira: dando os quartos, roupas, comida, criada, pode muito bem pedir os seus seis tostões por dia. E depois sempre tem o pároco de casa.

– Por causa da Ameliazinha é que eu não sei - considerou timidamente o coadjutor. - Sim, pode ser reparado. Uma rapariga nova... Diz que o senhor pároco é ainda novo... Vossa senhoria sabe o que são línguas do mundo. (Queirós, 1998, p.8)

A partir do diálogo, percebe-se que a escolha da casa da S. Joaneira não ocorre apenas por uma questão prática, mas envolve interesses sociais e religiosos que evidenciam a influência do clero sobre a organização da vida cotidiana em Leiria. A casa é apresentada pelo cônego Dias como um espaço conveniente, tanto pelas condições materiais oferecidas quanto pela possibilidade de aproximar Amaro do círculo social da cidade.

Sob a perspectiva do cronotopo, esse ambiente ultrapassa sua função de moradia e assume um papel decisivo na construção das relações entre tempo, espaço e ação narrativa. É nesse espaço doméstico que se estreitam os vínculos entre o Padre Amaro e Amélia, tornando possível o desenvolvimento da relação amorosa que desencadeia o conflito central do romance.

A casa do Sineiro constitui o espaço de transgressão, pois é nela que ocorre os encontros secretos de Amaro e Amélia:

– Bem; e agora, Dionísia, que lhe parece? perguntou ele, recostado na cadeira, esperando os conselhos da matrona.

Ela disse, muito naturalmente, sem afetação de mistério ou de malícia:

– A mim parece-me que para ver a pequena não há como a casa do sineiro!

– A casa do sineiro?

Ela recordou-lhe, muito tranquilamente, a excelente disposição do sítio. Um dos quartos ao pé da sacristia, como ele sabia, dava para um pátio onde se tinha feito um barracão no tempo das obras. Pois bem, justamente do outro lado eram as traseiras da casa do sineiro... A porta, da cozinha do tio Esguelhas abria para o pátio: era sair da sacristia, atravessá-lo, e o senhor pároco estava no ninho! (Queirós, 1998, p. 214-15)

Outro espaço significativo é a Ricoça, local para onde Amélia é enviada logo após descobrir a gravidez, com o objetivo de ocultar sua condição e preservar a reputação do padre e da própria família. Ao analisar a transferência da personagem para esse ambiente, evidencia-se o quanto a preservação das aparências se sobrepõe à dignidade humana: “[aquele] sinistro casarão da Ricoça! A única vez que lá fora ao fim da tarde, ficara estarecida de medo! Tudo tão escuro, de um eco tão côncavo... Tinha a certeza de que lá ia morrer” (Queirós, 2012, p. 358).

A descrição do casarão reforça a atmosfera de isolamento e sofrimento que Amélia precisou enfrentar. O espaço deixa de ser apenas um refúgio

destinado a esconder a gravidez para assumir uma dimensão simbólica, materializando a culpa, o medo e a violência moral impostas a jovem. Essa sensação de opressão intensifica-se à medida que a narrativa avança:

Antes de se deitarem, iam trancar todas as portas, num medo constante de ladrões; [...] ouviam ruídos inexplicáveis: era o soalho do corredor que estalava, sob passadas multiplicadas [...]. Uma vez acordara de repente, a uma voz que dizia, gemendo, por trás da alta barra da cama: ‘Amélia, prepara-te, o teu fim chegou!’ [...], mas na noite seguinte a voz sepulcral voltou quando ela ia adormecer: ‘Amélia, lembra-te dos teus pecados! Prepara-te, Amélia!’. Deu um grito, desmaiou. (Queirós, 2012, p. 370)

Sob a perspectiva do cronotopo, a Ricoça representa o momento em que as escolhas das personagens se materializam no espaço. Essa configuração aproxima-se da reflexão de Bakhtin, para quem os valores manifestam-se nas relações espaçotemporais da narrativa:

Por isso, todo o bem cresce, cresce em todos os sentidos e em todas as direções, não pode deixar de crescer porque crescer é da sua própria natureza. O mal, ao contrário, não cresce, mas degenera, depauperase e morre, mas nesse processo compensa a sua diminuição real através de uma falsa idealidade sobrenatural. (Bakhtin, 2018, p.120)

Em “O crime do Padre Amaro”, essa “falsa idealidade sobrenatural” manifesta-se na utilização da religião e da moral como justificativa para ocultar o pecado do sacerdote e sacrificar Amélia. Desse modo, a Ricoça constitui um cronotopo em que a degradação ética das personagens se torna visível, evidenciando a crítica de Eça de Queirós à moral religiosa e às estruturas de poder da sociedade portuguesa.

Nesse contexto, o discurso religioso assume uma posição de autoridade, pois apresenta-se como uma verdade absoluta, desvinculada da verdade daqueles que o anunciam:

Nesse sentido, o discurso religioso realiza uma tarefa *sui generis* enquanto mecanismo de comunicação, pois, se os demais discursos autoritários-persuasivos podem vir a revelar a voz do sujeito falante, nele resta apenas a noção do dogma. Não deixa de ser uma situação curiosa estar diante da mais visível forma de persuasão e do mais invisível eu persuasivo! Deus não fala, dado ser uma realidade imaterial; quem fala em seu nome não é o dono do discurso: o pastor é apenas veículo, porta-voz, no máximo um “interpretador” da palavra do Senhor. (Citelli, 2002, p. 48)

A partir dessa perspectiva observa-se que espaços do romance são atravessados por relações de poder que determinam comportamentos, estabelecem normas e regulam a vida social das personagens. Essa dimensão do poder pode ser compreendida a partir da concepção de Babbio (1999), para quem o poder corresponde “a capacidade ou possibilidade de agir ou de pro-

duzir efeitos” e pode ser atribuído tanto a indivíduos quanto a grupos humanos (1999, p. 933).

Entretanto, no pensamento de Michel Foucault o poder não deve ser entendido como uma propriedade fixa pertencente exclusivamente a determinado sujeito ou instituição, mas como uma relação dinâmica que se manifesta nas práticas sociais. Conforme o teórico, “o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação; [...] o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força” (Foucault, 2004, p. 175).

Dessa forma, torna-se possível compreender que em *O Crime do Padre Amaro*, o poder religioso não está concentrado apenas na figura do sacerdote, mas circula por diferentes espaços e personagens:

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (Foucault, 2004, p. 193)

Portanto, os diferentes espaços de Leiria – a casa da S. Joaneira, a casa do Sineiro e a Ricoça – constituem cronotopos nos quais se manifestam diferentes formas de controle, transgressão e punição. É através desses ambientes que o autor constrói uma crítica à hipocrisia moral e à influência constitucional da igreja, demonstrando como os valores defendidos publicamente pela sociedade, sobretudo pelos membros do clero, na realidade oculta práticas de dominação, controle e silenciamento.

3. *Considerações finais*

A análise realizada, nesta pesquisa, permitiu observar que o conceito de cronotopo, elaborado por Mikhail Bakhtin, oferece uma perspectiva relevante para compreender a organização narrativa de “O crime do Padre Amaro”. A articulação entre tempo e espaço evidencia que os ambientes representados por Eça de Queirós assumem uma dimensão simbólica, histórica e ideológica, revelando não apenas os deslocamentos das personagens, mas também as normas, tensões e mecanismos de poder que estruturam a sociedade portuguesa oitocentista.

Além disso, os resultados alcançados demonstram que os objetivos propostos foram contemplados ao evidenciar que a oposição entre matéria e razão constitui um dos principais eixos estruturantes do romance.

Assim, esta pesquisa tem como finalidade contribuir para futuras investigações sobre a obra de Queirós e sobre a literatura realista, incentivando novas leituras que articulem o conceito de cronotopo a outras perspectivas teóricas, como os estudos sobre discurso, poder, religião e crítica social. Da mesma forma, a pesquisa serve como referência para análise de outras obras da literatura portuguesa, ampliando as possibilidades de aplicação da teoria bakhtiniana na compreensão das relações entre forma narrativa, contexto histórico e representação das estruturas sociais.

Por fim, o estudo evidenciou como a literatura, ao representar artisticamente o tempo e o espaço, permanece como um importante instrumento de reflexão crítica sobre as dinâmicas sociais, políticas e culturais que atravessam diferentes épocas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini e outros. São Paulo: FUNDUNESP; HUCITEC, 1988.

BRANDÃO, L.A. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Tradução Luis Guerreiro Pinto. 12. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

QUEIRÓS, Eça de. *O Crime do Padre Amaro*. 12. ed., São Paulo: Ática, 1998.

_____. *O crime do Padre Amaro*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 30.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

OLIVEIRA, Penha Heloiza de. *O mundo interior em O crime do Padre Amaro de Eça de Queiroz*. São Paulo: Programa de estudos pós graduados

em literatura e crítica literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.